

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

Aline Gabriela da Silva <sup>1</sup>

Nádia Maria da Silva Monteiro <sup>2</sup>

Vandecia Maria do Espírito Santo Paiva <sup>3</sup>

Aguinaldo Gomes de Souza <sup>4</sup>

### RESUMO

A pesquisa trata-se de uma revisão da literatura sobre a variação linguística. Buscamos compreender como esse fenômeno é abordado, tomando como ponto de partida a noção de variação a partir da sala de aula. Sendo assim, utilizou-se como principal referência para construção do conhecimento as contribuições desenvolvidas por Coelho, Gorski, May e Souza (2010) a respeito da sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, desenvolvidas pelo teórico William Labov. O ponto de partida em seus estudos é a heterogeneidade linguística, sendo seu objeto de estudo a gramática de fala de uma comunidade. Como resultados, identificou-se que alunos da educação básica possui um conceito de variação linguística inadequado, pois, ainda é muito comum a predominância da gramática como único objeto de estudo em sala de aula. Portanto, sua concepção está basicamente resumida no falar certo e no falar errado.

**Palavras-chave:** Ensino, Fala, Língua, Variação Linguística.

### INTRODUÇÃO

É possível dizer que a língua é um fenômeno que se manifesta na esfera social e que pode ser vista, como informa Preti (1994 *apud* BARRERA; MALUF 2004), a partir de duas perspectivas: a dinâmica e a conservadora. A língua é vista como um fenômeno conservador, na medida em que exige certo nível de uniformidade, ou seja, estruturas que não mudam para que um grupo possa utilizá-la. Também é dinâmica na medida em que sofre um processo de modificação com o passar do tempo, sendo essas mudanças influenciadas pelo meio social, local ou mesmo a partir da estilística.

Feito esse preâmbulo, é preciso ressaltar que um ponto importante a ser discutido, quando falamos de língua, é a questão das relações inerentes ao sistema da língua, ou seja, o que a mantém estruturada. Um dos instrumentos utilizados para evidenciar a estrutura da língua, é o que nos estudos da linguagem se preconizou chamar de gramática normativa. A

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês da Univisa - PE, [alinegabriela573@gmail.com](mailto:alinegabriela573@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês da Univisa - PE, [nadia1999maria@gmail.com](mailto:nadia1999maria@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês da Univisa - PE, [vandecia.2019120019@univisa.edu.br](mailto:vandecia.2019120019@univisa.edu.br);

<sup>4</sup> Doutor em Letras pela UFPE - Docente do Curso de Letras da Univisa, [falecom@aguinaldogomes.com](mailto:falecom@aguinaldogomes.com)

gramática normativa possui como finalidade a prescrição de um modelo de língua. Ou seja: por meio de regras sistematizadas esse modo de conceber a língua busca representar uma forma ideal para que falantes de uma sociedade possam se expressar por meio da língua (LIMA, 2011).

Diante disso, é possível dizer que o conhecimento e utilização consciente sobre os recursos prescritos pela gramática normativa, no tocante aos usos da língua, não é uma realidade para todos e que há uma diversidade nos falares, fato que pode ser observado a partir do olhar para o meio social. Na literatura corrente é possível notar o surgimento de discussões acerca do “Português correto”, visto que a concepção de língua como um sistema homogêneo, isto é, que não sofre modificações com o passar do tempo, foi repensada e vista como um conjunto de variações linguísticas que permite a interação entre duas ou mais pessoas (BEZERRA; QUEIROZ; TABOSA 2004).

Dito isso, torna-se pertinente a análise do tratamento das questões relativas ao processo de variação na língua. Este tema se justifica por ser ele um dos pilares e um dos objetivos do ensino da língua portuguesa nas escolas, como afirma Lopes (1984 *apud* MARCUSCHI 2008), é o desenvolvimento da capacidade/habilidade comunicativa. Dessa forma, o nosso objetivo com a produção dessa pesquisa é compreender como o tema da variação linguística é tratado em publicações especializadas. Buscamos identificar como esse fenômeno é abordado, especificamente nos trabalhos que tomam a noção de variação a partir da sala de aula.

## **METODOLOGIA**

Para produção deste estudo, utilizamos como metodologia a análise de base qualitativa revisional de trabalhos concluídos ou em andamento relacionados às variedades linguísticas. Esta é uma pesquisa exploratória, pois visa expor conceitos, ideias e fatos sobre a problemática estudada.

A partir das classificações sobre a pesquisa, realizamos a busca de conteúdo, por meio da plataforma Scielo e Google Acadêmico, o que totalizou 21 trabalhos revisados como corpus para construção do conhecimento do atual estudo. Os trabalhos analisados são respectivamente dos anos de 2004 até 2021, publicados em língua portuguesa ou inglesa. Os critérios utilizados para escolha das pesquisas foram artigos que contemplassem a questão da língua, linguagem, fala, variação linguística, ensino de língua portuguesa e suas práticas sociais.

Os estudos sobre a linguagem humana vêm avançando ao longo dos tempos, e por ser um tema complexo, no entanto, é essencial para entendermos sobre esse fenômeno natural. Saussure no Curso de Linguística geral, já alertava que “o ponto de vista cria o objeto” o que nos leva a intuir que a depender do ponto de vista do pesquisador, o objeto de pesquisa tende a receber certas avaliações. Desse modo, é possível dizer que os pontos de vista, de diferentes perspectivas teóricas, corroboram para a compreensão dessas questões inerentes ao processo de variação, que são objetos de ensino nas aulas de língua portuguesa. Esse é um dos pontos que é o foco da nossa pesquisa. As variações linguísticas são constitutivas da própria língua e estão presentes há tempos, mas o estudo e a sistematização de um ensino baseado na proposta de que as línguas variam, são fatos recentes.

As análises obtidas nesse estudo foram feitas a partir das revisões realizadas dos seguintes estudos:

**QUADRO 1**

NUMERAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1	A variação linguística no contexto escolar: o que pensam os professores sobre o modo de falar dos alunos.	SOUZA, L. de L.
2	A variação linguística na sala de aula: contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa.	SILVA, J. M.; DIAS, A. P.V.; LUQUETTI, E. C. F.
3	A variação no domínio dos clíticos no português brasileiro.	KATO, M. A.
4	Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste.	FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A.;
5	Correção de textos e concepções de língua e variação: relações nem sempre aparentes	BEZERRA, M. A.; QUEIROZ, A. K.; TABOSA, M. Q.
6	Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais.	FREITAG, R. M. K.; ALMEIDA, A. N. S.; ROSÁRIO, M. M. S.
7	Da fala para a leitura: análise variacionista.	HORA, D. da.; AQUINO, M. de F. S.
8	Diferenças na concordância verbal na narrativa de crianças de níveis socioculturais distintos.	MASCARELLO, L. J.
9	Leitura em voz alta, variação linguística e o sucesso na aprendizagem da leitura.	FREITAG, R. M. K.; SÁ, J. J. de S.

10	Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii	BAGNO, Marcos.
11	O papel da variação linguística no ensino de língua portuguesa: a importância da elaboração de sequências didáticas no transporte da teoria para prática da sala de aula	RODRIGUES, A. C. F. C.
12	Tecnologias digitais, letramentos e gêneros discursivos nas diferentes áreas da BNCC: reflexos nos anos finais do ensino fundamental e na formação de professores	FUZA, A. F.; MIRANDA, F. D. S. S.
13	The Sociology of language.	FISHMA, Joshua A.
14	O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas.	CARMELINO, A. C.
15	Política linguística e ensino de língua	CORREA, D. A
16	Preconceito linguístico: o que é, como se faz	BAGNO, Marcos.
17	Princípios de sociolinguística.	COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N.
18	Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística.	CABRAL, M. S.
19	Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro.	FREITAG, R. M. K.
20	Variação linguística na sala de aula.	DEUS, R. A
21	Variação Linguística e Alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental.	BARRERA, S. D.; MALUF, M. R.

**Fonte:** tabela criada pelos autores.

## REVISÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE VARIAÇÃO

As considerações que serão feitas nessa seção partem do trabalho revisional tal qual visto no quadro 1. Verifica-se como os referidos autores compreendem o processo de variação e como contribuem para o desenvolvimento do tema junto à comunidade científica. Buscamos inicialmente verificar como eles compreendem o termo “variação linguística” para então colocarmos em evidência as categorias de análise que permeiam a teoria da variação a respeito do tratamento dado ao processo de variação na língua. De acordo com Coelho et al., (2010) a variação linguística é o fenômeno que possibilita a utilização de duas formas no

mesmo contexto linguístico, sem que haja alteração no seu grau de veracidade. Em outras palavras, pode-se afirmar que é mais de uma maneira de fazer referência a determinada coisa sem que seu significado seja alterado.

Para explicar os processos da variação linguística, recorreremos à área, dentro da ciência da linguagem, que trata da relação entre língua e sociedade, a Sociolinguística. Esta é a área da linguística que compreende a língua como fenômeno social, que é constituída a partir da ideia da variação. A Língua, percebida a partir da sociolinguística, é um meio de interação social (CARMELINO, 2018). É possível dizer que a sociolinguística foi desenvolvida a partir dos estudos do teórico William Labov, que a partir das investigações de William Bright (1966) e Fishman (1972), passa a considerar a heterogeneidade linguística como fato da língua. Sendo assim, o objeto de estudo da abordagem sociolinguística laboviana é a gramática de fala, ou seja, as regras utilizadas na comunicação oral de uma comunidade, sendo ele heterogêneo e estruturado (CABRAL, 2014). É a partir dessa visão de língua e sociedade que Labov (COELHO et al., 2010) desenvolve a Teoria da Variação e Mudança Linguística a qual abrange os aspectos envolvidos no processo das variações linguísticas.

Acerca dos estudos focados na língua em seu contexto social, a teoria da variação aborda diversos aspectos como níveis de variação, tipos de variação, estereótipos, marcadores indicadores, comunidade de fala entre outros. Contudo, aqui será discorrido apenas sobre seus níveis e tipos, tendo em vista a amplitude dos estudos da sociolinguística laboviana.

Sabendo-se que o fenômeno da variação linguística envolve a língua e sociedade, compreende-se que a partir delas surge a necessidade do desenvolvimento do processo de interação social entre indivíduos, neste sentido, um elemento importante que compõe esse processo, e não se pode realizá-lo sem ela, é a linguagem. Bagno (2014) afirma que a linguagem é a capacidade cognitiva que o ser humano possui que o possibilita expressar, processar, produzir e transmitir uma informação a alguém.

Para Bagno (2014, p. 11): “se ser humano é ser na linguagem, ser humano também é ser social, de modo que a linguagem e sociedade são indissociáveis”. Então, não há como separá-los, pois cada indivíduo é um ser social e utilizam da linguagem para essa movimentação e onde é acarretada de processos inter-sociais. Uma percepção clara desse fato é que o que une todo um povo se não pela linguagem? É um mecanismo que une uma sociedade através de cognição, pessoas que compartilham na mente e nas vivências e que não são separados das influências exteriores, visto que somos produtores da língua, nós que a moldamos e transformamos com o decorrer do tempo, mas, além disso, cada localidade vai

sofrer as alterações seja ela, fonológica, interpretativa, escrita, pois cada grupo sofre essas mudanças em contextos diferentes. E para reforçar essa questão, vejamos o que Bagno afirma:

(...) No momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (psicológicos, cognitivos, biográficos, etc.) e sociais (históricos, políticos, culturais, ecológicos, étnicos, religiosos, etc.) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem (BAGNO, 2014, p. 16).

Sendo assim, partindo do pressuposto que a língua é heterogênea, podemos deduzir que não há um modelo correto a ser seguido, e sim que cada falante se expressa e pensa de modos diversos em situações comunicacionais distintas, pois cada pessoa trará consigo uma bagagem social, individual e esse fato não é separado da sua fala.

O ato da comunicação, em grande parte, ocorre através da fala. Sabendo-se que é na nela que se identifica muitos dos aspectos linguísticos variáveis, é pertinente apresentar as formas em que a variação pode ocorrer.

A partir dos estudos realizados por Coelho, Gorski, May e Souza (2010) identificou-se que as variações linguísticas são divididas em interna e externa. As internas são definidas como níveis de variações linguísticas. São elas:

#### **Variação lexical**

O nível de variação lexical está associado ao vocabulário, isto é, a diversidade lexical de uma palavra, as formas em que um elemento pode ser chamado/referido. Este fato costuma estar relacionado à variação conhecida como regional. Em síntese, são palavras que se referem à mesma coisa, mas que seu termo muda de acordo com a localidade, o espaço territorial que o usuário da língua vive (COELHO et al., 2010).

#### **Variação fonológica**

A variação fonológica consiste na troca de um fonema por outro em uma palavra. Um exemplo que ocorre com frequência é a troca do “l” pelo “r” como em “filme” e “firme”, onde o intuito do falante é produzir a mesma palavra (COELHO et al., 2010).

#### **Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática**

Este é o nível de variação que pode ocorrer de formas distintas, mas sempre envolvendo os morfemas. Coelho et al., (2010) declara que uma variação é classificada como morfológica quando a estrutura modificada de um termo é um morfema. No entanto, em situações que a essa alteração está agregada a um morfema, sendo ele também denominado como um fonema, podendo ocorrer da forma inversa, dá-se o nome de morfofonológica.

Para apresentar a variação morfossintática Coelho et al., (2010) se utiliza como exemplo a seguinte frase: “As menina bonita”. Nesta sentença a noção de pluralidade só é

possível entre a primeira e as demais palavras do sintagma nominal, sendo o fonema “s” retirado, sem exceção, da direita. A sua integração possibilita a formação da sentença “As meninas bonitas”.

### **Variação sintática**

O nível da variação é considerado sintática quando as mudanças ocorridas em uma palavra ou frases, produzidas pelos usuários da língua, é na concordância verbal e nominal (COELHO et al., 2010).

### **Variação e discurso**

Esta é a variação que está ligada aos aspectos textual e discursivo. Neste caso, o que é considerado é a utilização de termos, isto é, os conectores escolhidos para realizar a continuação do discurso (COELHO et al., 2010).

Prosseguindo com a explanação do processo de mudanças que ocorrem em uma língua, as variações classificadas como externas são definidas como os tipos de variações linguísticas. São elas:

### **Variação regional, geográfica ou diatópica**

Podendo ser chamada das três formas citadas acima, pois sempre está ligada ao espaço territorial que um indivíduo pertence, a identificação dessa variedade se dá através das diferenças lexicais, ou seja, por meio da distinção das escolhas do vocabulário utilizado por de uma determinada pessoa. Além disso, aspectos fonológicos e sintáticos estão sujeitos a modificações. Assim, é perceptível as características da pronuncia ou sotaque, como muitos conhecem e preferem se referir, também observando as diferenças nas construções gramaticais dos indivíduos (BARRERA; MALUF 2004).

### **Variação social ou diastrática**

Neste caso, a variação está ligada aos aspectos sociais que envolve a população, isto é, a economia, a cultura, sendo considerada as classes sociais do indivíduo, a idade, o sexo, o nível de escolarização e sua formação profissional (BARRERA; MALUF 2004). Nela é comum encontrar aspectos de vocalização e mudanças na concordância verbal e nominal

### **Variação estilística ou diafásica**

Por último, a variação estilística é as escolhas feitas por determinado indivíduo para se comunicar de acordo com o ambiente e pessoas em que ele está inserido. Ele se utiliza de termos mais cultos se estiver em uma situação em que exija, em um contexto formal. Enquanto a linguagem coloquial é utilizada em seus contextos informais (BARRERA; MALUF 2004).

## DISCUSSÃO A RESPEITO DA VARIAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR

A partir da revisão realizada foi possível identificar também que a variação linguística ainda é um tema que causa discussões adversas, principalmente quando o tratamento da questão chega ao ambiente de ensino de línguas na escola. A noção de variação linguística encontrada no ambiente pedagógico, muitas vezes está fundamentada na concepção de certo e errado na língua (DEUS, 2017). Assim, a partir do recorte analisado, nota-se que há um distanciamento entre a teoria e a práxis em sala de aula, quando se trata da explanação dos estudos relacionados às diversidades linguísticas. Quando se fala sobre língua, sua heterogeneidade, estudo ou ensino deve-se ter em mente que:

Um fenômeno linguístico saliente precisa ter uma explanação interna à língua, como a motivação do contexto fonológico, sintático, etc., e uma explanação relacionada a fatores extralinguísticos cognitivos, pragmáticos, psicológicos ou sociodemográficos; estas condições estão inter-relacionadas, às vezes de uma maneira natural, às vezes de uma maneira idiossincrática (FREITAG, 2016 p. 901).

Nesse sentido, analisar os fatos que ocorrem na língua, suas variações é entender que há diversos aspectos que compõem esse fenômeno, e quando considerados, permeiam para que o indivíduo adquira percepções válidas e fundamentadas, podendo se utilizar da língua em todos os formatos de sua manifestação.

É importante enfatizar que o trabalho com a variação linguística no ensino de língua materna deve ser tema discutido do início ao fim da formação básica, pois como já se sabe a criança, ao ingressar no ambiente pedagógico, já é conhecedora de sua língua e faz uso dela. Isto é, se considerarmos que em decorrência de suas redes de relações sociais, isto é, a convivência com pessoas de sua família entre outras, ela está exposta as manifestações da variedade linguística, construindo seu vocabulário em consonância com aquilo em que está sendo apresentado por pessoas mais velhas presentes em seu cotidiano (FREITAG, ALMEIDA, ROSÁRIO 2013).

Ao que tudo indica, o tema da variação não está circunscrito ao ambiente acadêmico, é o que podemos verificar com os PCNs. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), objetivando nortear as práticas em sala de aula, estabeleceu competências e habilidades a serem trabalhadas desde a educação infantil (anos iniciais) ao ensino médio. Ao que concerne

---

<sup>5</sup> BRASIL/MEC, 2021. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211> Acesso em 26/09/2021.



à capacidade a ser desenvolvida em alunos do ensino médio, última etapa da educação básica, sobre as mais variadas formas da linguagem, compreende-se que eles devem saber respeitar e preservar as linguagens que grupos pertencentes à sociedade possuem e se utilizam (BRASIL, 2000). Em síntese, o indivíduo deve sair da formação básica consciente sobre os aspectos da diversidade que a linguagem carrega, tendo em vista que é por meio dela que a interação acontece, sendo ele capaz de compreender sua importância sem fazer ponderações sem fundamentações a respeito das maneiras em que ela é utilizada. As formas distintas da linguagem é consequência de um processo natural da variação, sendo a sua finalidade permitir a comunicação em diversos meios sociais (BARRERA; MALUF 2004).

Sabendo-se disso, o ensino de língua portuguesa, suas variações linguísticas e fenômenos, como notado nos estudos revisionados, devem estar alicerçados em atividades que promovam também as práticas do uso oral da língua, sem que haja uma distorção e supervalorização entre a fala em detrimento da escrita ou vice e versa.

Isso porque, pode-se constatar que muitos indivíduos saem da escola com uma visão errônea sobre seu modo de falar, como acentua Freitag et al., (2016), uma vez que a oralidade é vista como inferior à escrita. Criou-se uma visão de que a fala está associada ao aspecto coloquial, sendo ele inferiorizado, enquanto a escrita, por possuir um grau elevado de destaque no processo de letramento em relação às práticas orais, representa formalidade, sendo ela enaltecida e mais considerada. Esta concepção, internalizada na mente de muitos indivíduos, sendo letrados ou não, pode acarretar em situações de preconceito linguístico, até mesmo de forma inconsciente, pois, acredita-se que a maneira “correta” de se comunicar oralmente ou por meio da escrita é sempre se utilizando da norma padrão ensinada nas escolas.

Um ponto importante o qual ainda não foi discutido ao longo do nosso estudo, diz respeito a ações discriminatórias acerca da diversidade linguística que uma sociedade possui. Portanto, é de suma importância o esclarecimento sobre esse aspecto, intitulado por Bagno (2007) como Preconceito Linguístico. O autor esclarece que essa situação é referente a crenças negativas que um sujeito/brasileiro carrega de sua própria imagem e língua (BAGNO 2007). Assim, pode-se concluir que estas concepções negativas acarretam em práticas preconceituosas em relação ao falar, ou seja, a competência comunicativa.

Portanto, o estudo e ensino das variações linguísticas no contexto escolar devem estar presente continuamente e de forma clara como se destaca a seguir:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística,

chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa (BAGNO 2006 p. 8 *apud* DEUS, 2017 p. 236).

Como sugerido por Bezerra et al. (2004), para compreender a diversidade da língua é importante que o estudante seja exposto a uma gama enorme de situações comunicativas e nesse sentido os usos da língua a partir de determinados gêneros (orais ou escritos) configuram-se como estratégia promissora. Sobretudo, é imprescindível que a prática de leitura e escrita com os mais diversos gêneros seja de forma adequada, sendo o professor facilitador desse processo. Além disso, é interessante que a correção textual não esteja focada apenas na questão gramatical, mas na busca pelo sentido do texto. Bezerra et al. (2004) também ressaltam que o professor deve analisar como o autor do texto, ou seja, o seu educando, realizou sua produção escrita e por meio de quais estratégias, atentando-se especialmente para a inter-relação do que foi produzido.

O ensino a partir da perspectiva da variação deve levar o indivíduo compreender que as mais diversas situações comunicativas requerem um uso específico da língua, ou seja, o indivíduo deve ser capaz de adequar a sua fala ao contexto social em que está inserido. Para que isso ocorra não é necessário que a norma de prestígio social seja desvalorizada, pelo contrário, todas as formas de interação, através da linguagem, devem ser abordadas e sua importância ser enfatizada. Apenas é preciso esclarecer e mostrar a sua relevância, em sala de aula, de conhecer os fenômenos da variação linguística, mostrando ao aluno as diferentes formas de fazer uso da linguagem, sendo ele o responsável por escolher qual será a mais apropriada em situações distintas (DEUS, 2017).

Portanto, é de fundamental importância enfatizar que a sociolinguística, que estuda a gramática de fala em seu contexto natural, deixa clara a importância da abordagem no ambiente escolar da heterogeneidade que a língua possui, uma vez que o processo de democratização da sociedade permitiu que houvesse a inserção de alunos de diversos contextos ao ambiente pedagógico. Dessa maneira, a sociolinguística orienta a conduta do professor e sua metodologia em sala de aula ao que se refere ao ensino de língua materna (COAN; FREITAG 2010 *apud* FREITAG, ALMEIDA, ROSÁRIO 2013).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao modo de uma conclusão, é importante afirmar mais que a gramática como instrumento de ensino não deve ser desvalorizada, pois, como afirma Azeredo (2013), o seu

sistema de regras possibilita ao usuário de uma língua produzir/desenvolver/compreender suas sentenças. Ainda assim, basear o ensino da língua a partir da perspectiva da gramática normativa pode levar o estudante a considerar errada a sua própria variante de fala. É necessário imbuir a noção de que a língua não é um sistema homogêneo, ao contrário, é heterogêneo por constituição e que cada variante se presta a determinada situação comunicativa, levar em consideração essa percepção não significa renegar o ensino da gramática da língua, mas de colocar o ensino da gramática em seu devido lugar. Dito isso, é possível dizer com Marcuschi (2008) que

a gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa. O problema é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua. Também não se deve reduzir a língua à ortografia e às regras gramaticais. E nesse sentido, temos a ver com uma correta identificação do que seja a gramática. O falante deve saber flexionar os verbos e usar os tempos e os modos verbais para obter os efeitos desejados; deve saber usar os artigos e os pronomes para não confundir seu ouvinte; deve seguir a concordância verbo-nominal naquilo que for necessário à boa comunicação e assim por diante. Mas ele não precisa justificar com algum argumento porque fez isso ou aquilo nessas escolhas. O falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua (MARCUSCHI 2008 p. 57).

Tal qual Marcuschi (2008) os diversos trabalhos analisados em nosso estudo também partem da ideia de que o que guia o estudo da língua não deve ser a visão sobre o certo ou errado, mas a ideia de que há normas que regem a língua e essa organização interna do sistema da língua existe tanto na variante de prestígio quanto nas outras variantes. A partir dessa percepção pode-se construir um ensino de língua que não reproduza as práticas preconceituosas sobre a diversidade linguística e desenvolva a competência comunicativa, pois como declara Calvet (2004 *apud* Correa 2009 p. 74): “As línguas existem para servir aos homens e não os homens para servir à língua”.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. **Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental.** Psicologia Escolar e Educacional, V. 8, n. 1, P. 35-46, 2004.

BEZERRA, M. A.; QUEIROZ, A. K.; TABOSA, M. Q. **Correção de textos e concepções de língua e variação: relações nem sempre aparentes.** Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, V. 4, n. 1, P. 231-249, 2004.

CABRAL, M. S. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística.** UOX, Revista Acadêmica de Letras-Português, n. 02, P. 85-93, 2014.

CARMELINO, A. C. **O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas.** Linguística. V. 34-1, P. 29-49, 2018.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. **Princípios de sociolinguística.** ead.Unimontes.br. P. 1-172, 2010.

CORREA, D. A. **Política linguística e ensino de língua.** Calidoscópico. V. 7, n. 1, P. 72-78, 2009

DEUS, R. A. **Variação linguística na sala de aula.** Web – Revista Sociodialetto. V. 8, n. 23, P. 232-244, 2017.

FISHMAN, Joshua A. 1972. **The Sociology of language.** In Essays by Joshua A. Fishman. Selected and introduced by Anwar S. Dil, Language in Sociocultural Change, 1–15. Stanford:Stanford University Press

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A.; **Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste.** Dossiê, V. 18, n. 2, P. 64-84, 2016.

FREITAG, R. M. K.; ALMEIDA, A. N. S.; ROSÁRIO, M. M. S. **Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais.** Rev. bras. Estud. pedagog. (online). V. 94, n. 237, P. 390-416, 2013.

FREITAG, R. M. K. **Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro.** Delta. V. 32, n. 4, P. 889-917, 2016.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa.** 49ª Ed. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 28ª Ed. São Paulo: editora Cultrix, 2006.